



Intervenção

Abertura do 9.º Congresso da CNA

Senhores Agricultores e Agricultoras, Compartes dos baldios, Construtores do Mundo Rural, Excelentíssimos convidados e amigos muito bom dia a todos.

Quero desde já saudar as centenas de agricultores e agricultoras que de norte a sul do País se deslocaram hoje a Viseu para com a CNA, a sua Confederação, debater o futuro da agricultura e o desenvolvimento do nosso País. Para todos o nosso agradecimento.

Uma saudação particular a todas as delegações estrangeiras que nos dão a honra de acompanhar os nossos trabalhos e que estão em Portugal por ocasião da Assembleia Geral da Coordenadora Europeia da Via Campesina. Pedimos que transmitam aos agricultores dos vossos países que podem contar com a solidariedade dos pequenos e médios agricultores de Portugal, sabendo que a nossa luta é comum.

Para eles, para todos vocês e para todos os agricultores que lutam por esse mundo a fora peço-vos uma grande salva de palmas.

Companheiros, os tempos que vivemos não têm sido nada fáceis, foi a pandemia e a impossibilidade de venda dos produtos, foram e são os aumentos brutais dos custos, foi a seca e os incêndios, é a guerra e as sanções por causa da guerra. Se já era difícil a vida de agricultor agora é muito mais, se o rendimento já era baixo, agora é quase inexistente.

Infelizmente os baixos preços à produção são a regra e não a exceção, esta situação advém de décadas de más políticas agrícolas, que nos esmagam, que permitem que a grande distribuição continue a fazer o que quer, que Portugal seja inundado de produtos vindos sabe-se lá de onde, produzidos sabe-se lá como, que têm funcionando como um autêntico rolo compressor, onde milhares de pequenas e médias explorações são levadas à ruína e ao fatal destino do encerrar de portas.

Dizer-vos companheiros que isto não acontece por acaso, o rumo da desgraça tem caras, tem ministros e ministras, tem governos e todos eles (uns mais que outros é certo) que nos que nos últimos 40 anos passaram por São Bento tem culpa no cartório, todos eles adoptaram políticas que favoreceram sempre o grande agronegócio em detrimento dos pequenos e médios agricultores e da Agricultura Familiar.

Mas dizia eu que os tempos não estão fáceis, passámos por uma pandemia em que, de um dia para outro, muitos dos agricultores ficaram sem conseguir vender 1 kg de produto, vimos isso nos leitões ou nos borregos, ou nas flores, vimos isso em quase todas as produções.

Depois começaram os aumentos dos preços, tudo aquilo que se precisa para produzir foi ficando mais caro e cada vez mais caro, combustíveis, adubos, pesticidas, rações, fitofármacos, maquinaria, tudo aumentou, nada escapou.

Depois veio a falta de água e uma seca cujos efeitos se prolongam até Quando já devido à Guerra no Leste da Europa e as sanções a seu pretexto, e fruto, também de muita especulação os factores de produção subiam em flecha.

Como se já não bastasse, tivemos ainda que lutar contra os incêndios na nossa floresta que tiveram mais uma vez impactos brutais nas regiões onde deflagraram.

Tudo isto faz de 2022 um ano terrível para os agricultores principalmente para os pequenos e médios, para a Agricultura Familiar.

Perante tanto infortúnio o que esperar do Governo português? Esperaríamos com certeza uma resposta atempada e cabal no combate à crise, com apoios substanciais a quem mais precisa, com a adopção de medidas que rapidamente ajudassem os agricultores a terem condições para continuar a produzir. Isto era o que se esperava companheiros, mas não foi isso que aconteceu, não é isso que está a acontecer.

O Ministério da Agricultura e o Governo, subserviente aos mercados financeiros e sempre mais preocupado com défice das contas públicas do que com os agricultores, reagiu sempre tarde e a más horas.

A reboque da União Europeia, anunciou e anunciou e voltou ainda a anunciar medidas e milhões, que ou não chegaram ou, quando chegaram, deixaram de fora os pequenos e médios agricultores.

Aos aumentos dos custos de factores de produção foi aplicando paliativos, quando por pressão dos agricultores, foi obrigado a fazer alguma coisa. Mas ainda não fez o que lhe competia: a regulação dos preços do gasóleo, ou o estabelecer de tectos máximos para os preços dos adubos e pesticidas, ou mesmo criar um programa para a disponibilização destes produtos a preços acessíveis.

Num dos momentos em que o País mais precisa de fortalecer a Soberania Alimentar, o Governo optou por deixar à sua sorte muitos milhares de pequenos e médios agricultores que são fundamentais para alimentar a nossa população.

No combate à crise no sector agrícola e florestal exige-se muito mais do que anúncios, exigem-se medidas simples e desburocratizadas que cheguem rapidamente aos agricultores e que apoiem quem mais precisa, os pequenos e médios a Agricultura Familiar.

Companheiros, no próximo ano entrará em vigor a nova PAC, findas as longas negociações e aprovado que está o Plano Estratégico para Portugal, agora denominado de PEPAC, as novidades para os pequenos médios agricultores não são boas.

Já sabíamos que em termos de mercados nada iria mudar, mas o cenário é ainda pior. Nas ajudas, os agricultores que mais perdem são os que têm as explorações com menos de 1 ha, perdem metade do valor que recebem.

Para as restantes é certo que o pagamento redistributivo aumenta, mas o que perde a Agricultura Familiar com a convergência interna (em 2026, todos recebem o mesmo por ha), está muito longe de ser compensado pelo aumento do pagamento redistributivo.

Depois vêm as medidas relacionadas com o ambiente, a chamada arquitectura verde, e entre Eco regimes (as medidas do primeiro pilar) e as medidas agroambientais criou-se um tal emaranhado burocrático com medidas altamente complexas que a grande maioria dos agricultores não vão conseguir aceder.

Mais uma vez quem perde são as pequenas e médias explorações, quem ganha e muito é o grande agronegócio são as megas explorações e os seus fundos de investimento, esses vão ser os grandes ganhadores do PEPAC, foi para esses que ele foi construído.

De facto, companheiros, o exercício da actividade agrícola e florestal é cada vez mais exigente, não só do ponto de vista dos apoios, mas também ao nível de todas as regras que os agricultores têm de cumprir para poderem vender os seus produtos.

Os quilos de legislação que se aplicam à produção são por vezes maiores que os quilos de alimentos que tiramos da terra, neste aspecto é fundamental o papel desempenhado pelas organizações de agricultores, a ajuda que prestam aos seus associados é a única forma que os agricultores familiares têm de cumprirem com o que lhe é exigido.

A CNA há muito que reclama por apoios do Estado, para que estas organizações possam continuar a apoiar todos os dias os nossos agricultores, até porque o Ministério não dá essa ajuda.

Permitam-me companheiros neste ponto uma pequena nota de reconhecimento pelo trabalho realizado pelas centenas de trabalhadores da CNA e das suas associadas, que vestem a camisola, que com o seu trabalho lutam também pelo desenvolvimento da Agricultura Familiar.

Sem eles não teríamos CNA, sem o seu trabalho este magnífico Congresso não teria sido possível. Por isso para todos eles peço-vos um forte salva de palmas e o nosso sincero agradecimento.

Por último umas palavras para os baldios e as suas gentes, o ataque continua e aparece das mais variadas formas, mas nós sabemos que os compartes dos baldios resistem, já o demonstraram várias vezes. O melhor exemplo disso é o caminho que a BALADI tem feito, e o trabalho notável que hoje realiza por exemplo ao nível dos agrupamentos que criou. Exige-se que este trabalho tenha continuidade e para bem da floresta nacional o governo tem de criar condições para que isso seja possível.

Os problemas são muitos companheiros! Mas a determinação dos agricultores em os afrontar não é menor. Foi isso que disseram em Maio do ano passado em Lisboa, depois em Braga, com grandes acções nacionais e depois com acções em Coimbra, em Leiria, no Fundão, em Ovar, de exigência de medidas de defesa da agricultura nacional.

Daqui dizemos ao Governo, ao Parlamento, à Comissão Europeia que podem contar com a nossa garra, em defesa do nosso sagrado direito à terra e a produzir, levaremos as nossas alfaias lá, onde for preciso.

Companheiros, temos hoje uma grande jornada de trabalho, de fortalecimento da nossa Confederação que continuará a lutar todos os dias pelo desenvolvimento da Agricultura Familiar.

Certos de que enquanto existir a CNA os pequenos e médios agricultores nunca serão esquecidos, gritaremos cada vez mais alto e quantas vezes forem precisas.

VIVA A AGRICULTURA FAMILIAR

VIVA A CNA

6 de Novembro, Viseu

Pedro Santos, Executivo e do Secretariado da CNA